

Sobreviví!

E estou
muito
bem.

POR GAIL CAMERON
WESCOTT

É SETEMBRO de 2006, e Lauren Manning parece ótima. Ao atravessar o saguão de um prédio em Manhattan, ela exala a segurança que antes demonstrava como superintendente e sócia da Cantor Fitzgerald, uma corretora que perdeu 658 pessoas em 11 de setembro de 2001. Nesse dia, quando ela entrava no edifício, uma bola de fogo desceu pelo poço do elevador e derubou-a, queimando mais de 82% de seu corpo. Os médicos lhe deram apenas 15% de chances de sobrevivência.



Os Mannings aproveitando um dia de verão em Manhattan – eles valorizam todos os momentos que passam juntos.



“Eu estou realmente muito bem”, diz, logo que chega. “Tenho muito mais força e estou pronta para levar uma vida mais normal, o que por si só já é um estímulo.”

Essa vida normal ainda não inclui voltar ao trabalho, mas compreende atividades banais que antes pareciam impossíveis. Como levar o filho de 5 anos, Tyler, para o novo jardim-de-infância, ou correr atrás dele no Parque Hudson River, quando anda de patinete. Com a ajuda de uma luva especialmente ajustada, Lauren agora consegue segurar uma raquete de tênis. “Ainda não consigo sacar”, diz, “mas vou chegar lá.” O marido, Greg,

acrescenta: “Houve outro acontecimento importante. Tyler gosta de futebol americano, e foi Lauren quem o ensinou a derrubar o adversário!”

Hoje, aos 45 anos, Lauren não consegue acreditar que já tenham se passado cinco anos desde os atentados de 11 de setembro. Tyler tinha apenas 10 meses quando a mãe deixou o apartamento em Greenwich Village para ir trabalhar. Ela estava atrasada. Greg – então superintendente e diretor de *marketing* e vendas da Euro Brokers, tinha uma conferência às 8:30h no restaurante Windows on the World, da Torre Norte. Mas faltou à reunião porque também estava atra-

sado. Se tudo tivesse transcorrido como o planejado, Lauren estaria no 105º andar e Greg no 107º quando o avião se chocou contra o prédio.

Em sua longa estrada de recuperação – processo torturante que Lauren já descreveu como “empurrar uma pedra morro acima a cada dia” –, ela se submeteu a mais de 25 cirurgias,

Lauren vê um paralelo entre os cinco primeiros anos de vida do filho e os cinco anos de sua volta à normalidade. “Tyler deixou o carrinho para engatinhar, passou a andar, aprendeu a usar o patinete e a bicicleta”, observa. Ao mesmo tempo, ela teve de aprender a se sentar, ficar de pé, andar, usar o copo, o garfo e a faca.

“Você é a princesa”, diz o filho de Lauren. “Eu serei o cavaleiro.”

entre as quais enxerto de pele e correção de cicatrizes nas costas, no rosto e nas mãos. Os progressos físicos foram conquistados a duras penas. E ela pôde afinal abandonar as asfixiantes vestimentas de pressão que usava 23 horas por dia para impedir a formação de cicatrizes. No ano passado, concluiu quatro anos de tratamento.

Mas ainda visita terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas, que a ajudam a alongar as mãos delicadas, terrivelmente queimadas pelo metal quente das portas do saguão. Susan Scanga, uma das fisioterapeutas, comenta: “Lauren se queimou de tal maneira que ali só existe tecido cicatrizado e osso. Para mim, é um milagre que ainda tenha mãos. Mesmo assim, ela olha nos nossos olhos e diz: ‘Eu não tenho dias ruins.’”

Recentemente, ele descobriu o que aconteceu com sua mãe naquele dia terrível. Em setembro de 2005, Tyler viu os pais na TV. Pouco depois, perguntou à mãe por que ela havia ido trabalhar naquele dia. “Não queria que você tivesse se machucado”, lamentou.

Os pais procuram garantir a Tyler que isso não acontecerá com ele e que sempre o protegerão. Se gostariam de ter mais filhos? Em voz baixa, Lauren responde: “Adoraríamos.”

Enquanto isso, o casal aproveita o que tem. Tyler gosta de teatrinho e, de repente, sugere o roteiro: “Você é a princesa”, propõe a Lauren, “e eu, o cavaleiro. *Caleigh* [o cachorro] é o dragão.” Lauren sorri ao contar a história. “A vida não poderia ser melhor...”, afirma.

LUA DE QUÊ?

Você sabe que sua lua-de-mel terminou quando liga para casa dizendo que vai ficar no trabalho até tarde e a secretária eletrônica responde que o jantar está no microondas.

ÚRSULA ROTH, Porto Alegre (RS)